



**Significados do Dinheiro: Fatores Relevantes Atribuídos por
Universitários Maranhenses**

**Meanings of Money: Relevant Factors Assigned by Maranhão
University Students**

**Significados del Dinero: Factores Relevantes Asignados por
Estudiantes de la Universidad de Maranhão**

Lúcio Flávio Trindade Avelar

<https://orcid.org/0009-0005-8851-7120>

Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Brasil

lucioflaviot@hotmail.com

Nuvea Kuhn

<https://orcid.org/0000-0002-7018-6088>

Instituto Federal Farroupilha/IFFar, Brasil

nuveak@gmail.com

Claudia Aline de Souza Ramser

<https://orcid.org/0000-0003-4737-4563>

Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Brasil

claudiaramser@hotmail.com

Denise Adriana Johann

<https://orcid.org/0000-0001-5769-3213>

Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Brasil

johanndenisee@gmail.com

Deoclécio Junior Cardoso da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-2395-2878>

Pontifício Universidade Católica do Paraná/PUC-PR, Brasil

deocleciojunior2009@hotmail.com

Luis Felipe Dias Lopes

<https://orcid.org/0000-0002-2438-0226>

Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Brasil

luis.lopes@ufsm.br

RESUMO

Por meio da análise das finanças comportamentais consegue-se compreender como as pessoas gerenciam seu dinheiro e como o percebem. Em se tratando de finanças pessoais, o ser humano é frequentemente influenciado por sentimentos e crenças. Assim, o presente estudo tem-se como objetivo verificar quais os valores atribuídos ao dinheiro por estudantes universitários dos cursos da área de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A população consistiu em estudantes dos cursos que compõem o Centro de Ciências Sociais (CCSO) no Campus de São Luís, totalizou uma amostra de 360 participantes. Para a coleta de dados utilizou-se a Escala de Valores do Dinheiro (ESD) de Moreira (2002). No que tange aos aspectos metodológicos, utilizou-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e quantitativa, por meio da técnica de análise multivariada. Os resultados indicaram que os estudantes possuem uma visão diversificada em relação ao dinheiro, em que as dimensões mais expressivas, segundo suas percepções, foram a autorrealização, a estabilidade, o desapego e os conflito.

Palavras-Chave: Análise Fatorial. Comportamento. Finanças pessoais.

ABSTRACT

Through behavioral finance analysis, it is possible to understand how individuals manage and perceive money. In the context of personal finances, people are often influenced by emotions and beliefs. Therefore, this study aims to identify the values attributed to money by university students enrolled in Social Sciences courses at the Federal University of Maranhão (UFMA). The population consisted of students from the courses that make up the Center for Social Sciences (CCSO) at the São Luís Campus, totaling a sample of 360 participants. Data collection was carried out using the Money Values Scale (ESD) by Moreira (2002). Regarding methodological aspects, a descriptive, exploratory, and quantitative research approach was used, employing multivariate analysis techniques. The results indicated that students have a diverse perception of money, with the most prominent dimensions being self-realization, stability, detachment, and conflict.

Keywords: Factor analysis. Behavior. Personal finances.

RESUMEN

A través del análisis de las finanzas conductuales, es posible comprender cómo las personas administran y perciben el dinero. En el ámbito de las finanzas personales, los seres humanos suelen estar influenciados por emociones y creencias. Así, el presente estudio tiene como objetivo identificar los valores atribuidos al dinero por estudiantes universitarios de las carreras del área de Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Maranhão (UFMA). La población estuvo compuesta por estudiantes de las carreras que integran el Centro de Ciencias Sociales (CCSO) del Campus São Luís, totalizando una muestra de 360 participantes. Para la recolección de datos se utilizó la Escala de Valores del Dinero (ESD) de Moreira (2002). En cuanto a los aspectos metodológicos, se llevó a cabo una investigación descriptiva, exploratoria y cuantitativa, utilizando técnicas de análisis multivariado. Los resultados indicaron que los estudiantes tienen una percepción diversa del dinero, siendo las dimensiones más destacadas la autorrealización, la estabilidad, el desapego y el conflicto.

Palabras-Clave: Análisis factorial. Comportamiento. Finanzas personales.

1 INTRODUÇÃO

O dinheiro faz parte da vida das pessoas, sendo considerado essencial para a sobrevivência e a manutenção de suas existências, influenciando costumes, hábitos, consumo, atendimento às necessidades básicas bem como às perspectivas de conforto e/ou hedonismo (Lauer-Leite *et al.*, 2014; Borges; Constante; Machado, 2017). Ele permeia seus hábitos e comportamentos, sendo atribuído como fonte de felicidade, prazer, solidão, sofrimento e até mesmo a exclusão social. Neste ensejo, no que tange especificamente a ótica dos estudantes universitários, percebe-se que os valores atribuídos ao dinheiro sofrem diferentes caracterizações e concepções à medida que estes atribuem diferentes significados a ele (Lauer-Leite *et al.*, 2014; Borges; Constante; Machado, 2017; Lopes *et al.*, 2021).

Por meio das finanças comportamentais estuda-se de forma multidisciplinar, um conjunto de conceitos sociológicos, psicológicos e econômicos que explicam o que acontece na realidade das pessoas no momento da tomada de suas decisões financeiras. A teoria tradicional das finanças foi constituída sobre o pressuposto da racionalidade ilimitada dos agentes econômicos, ignorando aspectos sociológicos, psicológicos e culturais. Já na teoria das finanças comportamentais, mesmo ao tentar agir racionalmente, os agentes podem se comportar de forma irracional (Baker; Filbeck; Ricciardi, 2017; Münyas, 2020).

A nova teoria das finanças parte da premissa de que agentes econômicos apresentam limitações para tomada de decisões e exercício da racionalidade plena, por não serem capazes de processar com exatidão todas as informações necessárias durante o processo decisório. Por outro lado, a teoria tradicional de finanças pressupõe que os indivíduos são racionais, ordenando de forma lógica suas decisões, buscando maximizar a utilidade de suas escolhas, conseguindo assim abstrair com precisão os eventos futuros por meio de métodos probabilísticos mesmo em situações de incerteza (Bélyácz; Daubner, 2020).

Dentro do contexto das finanças comportamentais, tem-se buscado incorporar novos conceitos multidisciplinares para fornecer subsídios para a administração financeira e para a tomada de decisão em investimentos financeiros. Busca-se criar um novo entendimento da relação entre o homem e o dinheiro, estudando-se a forma como o ser humano percebe o dinheiro e como este interfere em seu comportamento levando em consideração aspectos culturais e psicológicos, neste ensejo destaca-se o comportamento dos estudantes universitários (Lopes *et al.*, 2021; Baima; Rossi, 2022; Lopes *et al.*, 2023).

O relacionamento com o dinheiro afeta a vida das pessoas em várias dimensões. Esse relacionamento permite percepções que podem variar de uma pessoa para outra pelos mais variados motivos, esse processo de utilização do dinheiro pode levar naturalmente ao endividamento dos indivíduos, quando estes assumem dívidas acima da sua capacidade de pagamento (Rodrigues *et al.*, 2018). Nesse sentido, pode-se dizer que as pessoas acabam sendo influenciadas por diferentes aspectos em seu processo decisório, especialmente no que diz respeito às suas finanças pessoais, apresentando comportamentos mais arriscados ou conservadores frente à necessidade de investir ou de tomar alguma decisão financeira (Münyas, 2020; Baima; Rossi, 2022; Silva *et al.*, 2024).

No campo da psicologia social, o conceito de valores refere-se a uma dimensão motivacional e é definido como princípios transituacionais, organizados hierarquicamente, que dizem respeito a estados de existência ou modelos comportamentais desejáveis. Esses valores orientam a vida dos indivíduos e, simultaneamente, expressam interesses tanto individuais quanto coletivos, podendo ser considerados importantes agentes motivadores do comportamento humano (Moreira, 2002; Tamayo; Schwartz, 2012). Para Zablocki, Makri e Houston (2019), a percepção que os indivíduos têm em relação ao dinheiro influencia nas

emoções e em seu comportamento, levando-os a experimentarem emoções negativas e positivas em um processo de compra, por exemplo.

Neste quesito, diversas pesquisas têm sido realizadas com estudantes universitários com a finalidade de verificar, por exemplo, o significado do dinheiro, valores atribuídos e a propensão ao endividamento deste público-alvo, bem como perspectivas que direcionam ao prazer ou ao sofrimento por parte destes indivíduos (Tamayo; Schwartz, 2012; Buffon; Mello, 2020; Lopes *et al.*, 2021; Lopes *et al.*, 2023). Ainda, estudos anteriores foram realizados sobre a percepção dos valores atribuídos ao dinheiro, tais como os de Lizote *et al.* (2017), Lopes *et al.* (2017), Barros, Borges e Estramiana (2017) e Zablocki, Makri e Houston (2019), que buscaram compreender como os fenômenos econômicos afetam o comportamento dos indivíduos.

À vista dos insights apresentados, o presente estudo como objetivo verificar quais os valores atribuídos ao dinheiro por estudantes universitários dos cursos da área de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

A realização deste estudo justifica-se por sua relevância em atentar as especificidades peculiares dos estudantes universitários no Maranhão, possibilitando reflexões que possibilitem aos gestores educacionais pensarem estratégias e práticas de sensibilização para um consumo mais consciente e uma gestão financeira mais saudável.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

As finanças tradicionais baseiam-se na teoria da utilidade esperada e nas expectativas racionais, considerando que os indivíduos agem de forma lógica e buscam maximizar a utilidade de suas escolhas. Nesse sentido, suas preferências e comportamentos são supostamente organizados de maneira racional, sustentando uma teoria lógica do comportamento humano fundamentada na racionalidade ilimitada (Tavares; Silva, 2019).

Para Moreno Filho *et al.* (2018), o estudo sobre finanças comportamentais examina a influência da psicologia no comportamento financeiro, contrastando com a teoria moderna de finanças, que se concentra na maximização da utilidade esperada. As finanças comportamentais ressaltam variáveis econômicas que estão fora da teoria de equilíbrio das finanças modernas, visto que muitas decisões tomadas pelos agentes financeiros apresentam incompatibilidades com atitudes racionais (Amorim; Xavier Filho, 2019).

Um dos principais trabalhos desenvolvidos na área de finanças comportamentais é a pesquisa “*Prospect Theory: an analysis of decision under risk*” dos psicólogos e professores israelenses Daniel Kahneman e Amos Tversky e que foi publicado no ano de 1979. Os autores investigaram o comportamento humano e a forma como tomam decisões em situações que apresentam risco, com o objetivo de compreender as atitudes do investidor no dia a dia do mercado financeiro (Silva *et al.*, 2009).

Bondt e Thaler (1985) em “*Does the stock Market overreact*” investigaram as falhas do modelo tradicional de finanças ao aplicar a heurística da representatividade de Tversky e Kahneman na precificação de mercado, observando que investidores reagem tanto a boas quanto a más notícias.

No que se refere ao endividamento, a teoria do prospecto pode ser identificada por meio da relação risco e consumo, partindo-se da hipótese de que as pessoas com maior propensão ao endividamento apresentam maior aptidão para o risco, ou seja, ao assumirem uma dívida as

peças estão colocando em risco seu orçamento visando a um resultado e são influenciadas por seus padrões de comportamentos (Montanha Filho *et al.*, 2020).

Com o surgimento dos questionamentos quanto à racionalidade dos agentes tomadores de decisão, os estudos sobre finanças passaram a buscar entender e prever a forma de tomada de decisão no mercado financeiro levando em consideração aspectos internos, psicológicos e externos para o desenvolvimento de uma nova teoria em finanças (Targino, 2017; Dias, 2022; Pires, 2023).

Assim, o homem das finanças comportamentais não é totalmente racional, ou seja, é dotado de racionalidade limitada como todo homem normal e age frequentemente de maneira irracional com decisões influenciadas por emoções e erros cognitivos fazendo com que tenha diversas visões sobre determinado problema dependendo da maneira como analisa (Vettorello; Seibert, 2020).

Pesquisadores têm conduzido diversos estudos para investigar a influência dos fatores comportamentais na propensão ao endividamento, considerando que as percepções dos significados do dinheiro interferem nas decisões sobre finanças que podem levar a este processo, tais como Trindade (2009), Lunardi (2012) e Melz *et al.* (2014). No estudo desenvolvido por Trindade (2009), este identificou fatores culturais e psicológicos além de fatores financeiros e racionais, como causas do endividamento. Por meio de uma *survey* com 2.500 mulheres da mesorregião centro ocidental rio-grandense, ele analisou os fatores determinantes a propensão ao endividamento. Os resultados demonstraram a existência de sete fatores relacionados aos significados do dinheiro: *status* social, preocupação, estabilidade, prazer, poder, orçamento e ilusão.

Lunardi (2012), ao estudar uma amostra de 500 estudantes universitários que mudaram de cidade para estudar, buscou compreender o comportamento financeiro dos jovens. Utilizando um questionário baseado na escala de Moreira (2002), utilizou para tratamento dos dados a análise fatorial e a Modelagem de Equações Estruturais (MEE). Os resultados indicaram dez fatores como formas de perceber o dinheiro: Conflito, Poder positivo, Progresso, Prazer, Cultura, Poder negativo, Desapego, Sofrimento, Generosidade e Estabilidade. Os fatores Conflito, Poder positivo, Progresso e Prazer foram os mais significativos, em que pode concluir que embora os universitários se preocupassem com o dinheiro, havia pouca preocupação em poupá-lo.

Melz *et al.* (2014) conduziram uma pesquisa com 332 alunos da Universidade de Mato Grosso, empregando análise fatorial e regressão múltipla. Como resultado, os pesquisadores encontraram onze fatores: Conflito, Progresso, Cultura, Desigualdade, Poder, Estabilidade, Prazer, Sofrimento, Preocupação, Relacionamento e Desapego. Concluíram que variáveis demográficas não foram significativas no modelo e, portanto, foram desconsideradas na avaliação da propensão ao endividamento.

Nos últimos anos, a autora Tristão *et al.* (2021, 2023) tem se destacado por suas contribuições em áreas que envolvem educação financeira, comportamento do consumidor, decisões de crédito e impactos econômicos recentes. Seus estudos ressaltam a necessidade de abordagens mais estruturadas na educação financeira e de políticas públicas que considerem os aspectos comportamentais dos consumidores para promover uma gestão financeira mais saudável.

Oliveira *et al.* (2020, 2023), evidenciam a complexa relação entre o comportamento de consumo, o endividamento pessoal e o estresse financeiro. Os autores analisaram, o impacto das compras por impulso e das dívidas sobre o bem-estar financeiro de consumidores brasileiros, com ênfase em estudantes universitários. Os resultados apontaram que o endividamento exerce influência direta e significativa sobre o aumento do estresse financeiro,

o que confirma a importância da gestão responsável das finanças pessoais. As compras por impulso, embora associadas a comportamentos prejudiciais, apresentaram uma correlação negativa com o estresse, sugerindo que o ato de consumir pode funcionar como uma válvula de escape emocional. No entanto, os autores alertaram que tal alívio é temporário e tende a contribuir para o agravamento da condição financeira ao longo do tempo, reforçando um ciclo vicioso entre consumo impulsivo, endividamento e estresse. As conclusões dos estudos ressaltam a necessidade de políticas de educação financeira que abordem não apenas os aspectos técnicos da gestão orçamentária, mas também os fatores comportamentais e emocionais que influenciam as decisões de consumo.

Estudos anteriores, como o de Buffon e Mello (2020), em uma pesquisa com estudantes dos cursos de Administração do Paraná, evidenciaram que atitudes negativas reduzem as chances e disposição ao endividamento. No estudo bibliográfico realizado por Rosa e Fernandes (2024), os pesquisadores mostraram que os estudantes universitários têm percebido o dinheiro como uma possível fonte de segurança social.

2.2 VALOR DO DINHEIRO

Os povos antigos atribuíam ao dinheiro os mais diversos significados. Para os muçumanos o dinheiro servia como objeto para a transmissão de informações e propaganda religiosa, por meio da gravação de mensagens do corão nas cédulas no lugar de bustos dos governantes. No antigo Egito os mortos eram sepultados juntamente com o dinheiro e alimentos com a finalidade de agilizar sua passagem para a vida espiritual. Os chineses cultivavam o hábito de confeccionar instrumentos com moedas para afastar espíritos mal por meio de amuletos, para eles o dinheiro possuía um significado místico, religioso e espiritual (Fossen; Vredenburg, 2014).

De acordo com a teoria de valores abordada por Schwartz (1992), estes podem ser entendidos como um conjunto de crenças ou conceitos referentes a estados emocionais ou comportamentais esperados em certas situações específicas, originados a partir de três requisitos: as necessidades de sobrevivência e bem-estar dos grupos, as necessidades individuais dos organismos biológicos e as exigências de interação social.

Com base na teoria de Schwartz, os autores Moreira e Tamayo (1999) elaboraram uma escala relacionando aos valores e o dinheiro propicia, a Escala de Valores do Dinheiro (ESD), pelo qual pretendiam explorar as relações existentes entre os valores e os significados atribuídos ao dinheiro, comparando amostras de diversos contextos culturais.

Moreira e Tamayo (1999) apresentaram os construtos em duas dimensões: uma positiva (Prazer, Progresso, Cultura, Estabilidade e Poder) e outra negativa (Conflito, Sofrimento, Desigualdade, Desapego e Poder). A partir da identificação dessas duas dimensões (positiva e negativa), realizaram a análise para criação dos componentes principais da escala e por meio do método de rotação Varimax, identificaram os respectivos alfas de Cronbach dos componentes a seguir relacionados: Poder ($\alpha = 0,88$), Conflito ($\alpha = 0,87$), Prazer ($\alpha = 0,84$), Progresso ($\alpha = 0,80$), Cultura, ($\alpha = 0,76$), Desapego ($\alpha = 0,73$), Sofrimento ($\alpha = 0,67$), Desigualdade ($\alpha = 0,66$) e Estabilidade ($\alpha = 0,57$). De acordo com Moreira (2002), o fator Poder apresentou-se como o mais representativo, com um valor de alfa de Cronbach de 0,88, reforçando a concepção do dinheiro como símbolo de reconhecimento social, prestígio e autoridade.

Moreira (2002) em sua tese, introduziu o estudo sobre significados do dinheiro e validou sua escala no contexto cultural brasileiro. Para validá-la, realizou a coleta de dados em diversas regiões demográficas do país. Foram enviados 3.000 questionários e foram recebidos 1.458 questionários válidos: região norte ($n = 315$; 21,2%), região nordeste ($n = 207$; 13,9%), região

centro-oeste (n = 475; 32%), região sudeste (n = 316; 21,3%), região sul (n = 155; 10,4%) e 17 (1,1%) não declararam residência.

Assim, Moreira (2002) definiu doze estruturas e suas definições para composição da ESD, sendo estas: poder (dinheiro como fonte de autoridade, reconhecimento social e prestígio); conflito (crença que o dinheiro provoca desconfianças, entre outros aspectos negativos); prazer (crenças e sentimentos positivos em relação ao dinheiro); progresso (significado positivo em relação ao dinheiro no contexto social); cultura (capaz de desenvolver a cultura em geral); desapego (necessidade de generosidade e solidariedade mais do que ênfase a bens materiais); desigualdade (segregação social e preconceito); estabilidade (segurança e necessidades básicas asseguradas); preocupação (refere-se à percepção do dinheiro como fonte de ansiedade, inquietações e angústias, relacionada ao medo de perdê-lo, de não ter o suficiente ou à constante vigilância sobre gastos e rendimentos; autorrealização (envolve a crença de que o dinheiro é um meio para alcançar metas pessoais, crescimento individual, autoestima e realização de sonhos e projetos de vida; risco (representa a associação do dinheiro com situações incertas, apostas, perdas ou ganhos imprevisíveis. Também abrange o comportamento especulativo e a disposição para arriscar financeiramente); e por fim, o investimento (diz respeito ao entendimento do dinheiro como um recurso que deve ser bem gerido, planejado e aplicado de forma estratégica para garantir retorno futuro, estabilidade e crescimento patrimonial).

Diferentes áreas do conhecimento têm estudado o dinheiro tentando defini-lo e construir seus significados. Na perspectiva sociológica contemporânea, o valor do dinheiro transcende seu papel puramente econômico, sendo concebido como uma construção social complexa, capaz de refletir e influenciar as dinâmicas das relações sociais. E não apenas um instrumento técnico de troca, o dinheiro é compreendido como um meio simbolicamente generalizado de comunicação, que padroniza e quantifica valores, permitindo a mediação de interações sociais e econômicas em contextos marcados pela complexidade e diferenciação funcional da sociedade moderna (Ganßmann; Serrano, 2021).

Ganßmann e Serrano (2021) enfatizaram o conceito de dinheiro na sociologia, na abordagem de Luhmann (2020), e reforçaram que o dinheiro não pode ser reduzido a uma substância ou função social estática, mas sim entendido como um meio que reduz incertezas nas transações, ao viabilizar a confiança e a coordenação social em sistemas amplamente diferenciados.

Além disso, o dinheiro carrega valores simbólicos e sociais que influenciam a percepção de poder, prestígio e status. O modo como o dinheiro circula e é distribuído afeta a maneira como os indivíduos se posicionam nas hierarquias sociais e constroem suas identidades. Como enfatiza a literatura, ele condiciona a autoimagem dos sujeitos, que passam a se avaliar com base em métricas financeiras internalizadas ao longo das interações sociais.

Assim, sob a ótica sociológica, o valor do dinheiro é uma categoria relacional e simbólica, construída historicamente e carregada de significados que vão além da dimensão econômica. Ele desempenha papel central na reprodução das estruturas de poder, diferenciação social e organização da vida cotidiana, sendo, portanto, um elemento-chave para a compreensão das sociedades contemporâneas.

Pesquisas recentes destacam que o significado social do dinheiro não está restrito aos conceitos econômicos tradicionais, mas também envolve os processos pelos quais esse significado influencia diversas situações familiares. O estudo de Almeida e Rodrigues (2021), com estudantes do ensino fundamental revelou que a maioria dos alunos aprendeu sobre finanças com seus familiares, indicando a importância do ambiente doméstico na formação das percepções sobre o dinheiro.

Além disso, o dinheiro pode ser visto como um objeto universal que constitui um fator de grande relevância na vida das pessoas, gerando significados específicos que podem ser observados em níveis individuais, grupais e até mesmo nacionais. Berwanger (2022) em seu estudo sobre o comportamento de jovens em relação à poupança identificou que as dimensões psicossociais influenciam significativamente as decisões financeiras dessa faixa etária.

É importante ressaltar que o dinheiro possui sentidos além de sua função de troca, existem outros fatores associados a ele, como mitologia, classe social, escolaridade e outras características essenciais a cada grupo. Estudos sobre consumo, dinheiro e diferenciações sociais destacam que os jovens se identificam com posições que refletem diferenças temporais e geracionais, influenciando suas percepções e comportamentos financeiros (Guimarães; Porto, 2020).

Assim, o dinheiro desenvolve contextos específicos, como familiar, grupos de jovens, grupos de estudantes e outras populações, considerando aspectos regionais e culturais. Pesquisas que avaliam as diversas visões sobre dinheiro ressaltam a influência das crenças e de aspectos comportamentais dos indivíduos nas diferentes percepções sobre o dinheiro. Silva, Pontes e Silva (2021) analisaram a percepção de estudantes do ensino fundamental sobre a educação financeira e o consumo consciente revelando que a maioria dos alunos reconhece a importância de administrar suas finanças de forma consciente, refletindo também sobre a influência do contexto educacional na formação dessas percepções.

No ambiente universitário, a construção do significado do dinheiro também assume contornos importantes, pois os jovens em processo de transição para a vida adulta enfrentam desafios relacionados à autonomia financeira e à tomada de decisões econômicas. Conforme apontado por Reckziegel *et al.* (2023), muitos estudantes universitários reconhecem que seus hábitos financeiros são influenciados pelo ambiente familiar e pela participação nas decisões econômicas do lar. No entanto, a pesquisa também evidencia a persistente ausência de planejamento financeiro sistemático, o que pode favorecer comportamentos impulsivos de consumo ou situações de endividamento, mesmo entre aqueles que possuem algum nível de conhecimento sobre finanças.

Conforme Barbosa *et al.* (2021), estudantes da Universidade Federal de Sergipe relataram dificuldades em administrar os recursos financeiros durante o isolamento social, o que evidenciou a fragilidade da educação financeira nesse público e reforçou a importância da inserção de conteúdos práticos sobre finanças no currículo universitário.

Além disso, Ribeiro (2022) identificou que os universitários reconhecem a importância da educação financeira, mas demonstram baixo domínio sobre práticas cotidianas como controle de orçamento, uso consciente do crédito e construção de reserva financeira. Em complemento, Modesto e Wagner (2022) destacaram que a maturidade financeira entre os jovens universitários pode ser ampliada quando há estímulo à reflexão crítica sobre o consumo, à compreensão de investimentos e à valorização do planejamento financeiro como ferramenta de autonomia e qualidade de vida.

Dessa forma, percebe-se que o contexto universitário é um espaço relevante para o desenvolvimento de comportamentos financeiros mais conscientes, sobretudo quando se valoriza a formação integral do estudante, considerando os aspectos econômicos, sociais e psicológicos ligados à gestão do dinheiro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa classifica-se como quantitativa, visto que, além da quantificação dos dados, possibilitou generalizá-los, replicá-los e compará-los a pesquisas semelhantes, e

descritiva, uma vez que apresenta a descrição e características de uma determinada amostra Sampieri; Collado; Lucio, 2013; Cooper; Schindler, 2016).

A população do estudo foi constituída por estudantes do Centro de Ciências Sociais (CCSO) do *Campus* da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na Cidade de São Luís, sendo composta por 4.221 alunos. Participaram da pesquisa uma amostra de 360 indivíduos, sendo 353 a amostra mínima considerada, tendo-se como base para o cálculo, a proporção populacional de 0,5 e a margem de erro de 5%. A pesquisa foi registrada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob protocolo n°. 02659512.0.0000.5346.

Para cálculo amostral, utilizou-se da equação (1):

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot N}{e^2(N-1) + Z_{\alpha/2}^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q}} \quad (1)$$

onde:

$Z_{\alpha/2} = 1,96$ valor tabelado (distribuição normal padrão);

$N = 4.221$ (população);

$p = 0,5$ (proporção estimada);

$e = 0,05$ (erro amostral);

$\alpha = 0,05$ (nível de significância);

$n = 353$ (amostra mínima calculada).

Por meio das questões utilizadas, buscou-se identificar os aspectos sociodemográficos e de controle de gastos da amostra, referentes a seu perfil: idade, gênero, estado civil, moradia, escolaridade, raça, ocupação, faixa de renda familiar, uso do cartão de crédito e controle de gastos. Os dados foram analisados pelo software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS versão 26) e Microsoft Excel.

Com o objetivo de verificar quais os valores atribuídos ao dinheiro por estudantes universitários dos cursos da área de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), utilizou-se como método a análise fatorial exploratória. Para tal, aplicou-se um questionário composto por 45 questões relacionadas à ESD, elaborada por Moreira (2002), por meio de uma escala de concordância do tipo Likert de cinco pontos, sendo: 1 = discordo muito; 2 = discordo; 3 = indiferente; 4 = concordo e 5 = concordo muito, sendo composta por 12 fatores: Conflito (CON); Prazer (PRA); Poder (POD); Cultura (CUL); Desapego (DESA); Desigualdade (DESI); Preocupação (PRE); Progresso (PRO); Estabilidade (EST); Autorealização (AUT); Risco (RIS) e Investimento (IN).

Foram excluídas 6 questões por não atenderem ao critérios das comunalidades ($h^2 > 0,5$); sendo estas: 41 (tenho medo de gastar mais do que posso), 30 (dinheiro lembra contrastes sociais), 43 (eu gostaria de um investimento que me proporcionasse uma oportunidade de adiar, por alguns anos, o pagamento de imposto de renda sobre ganhos de capital), 27 (quem tem dinheiro é valorizado socialmente), 42 (um dos meus principais objetivos de investimento é obter um alto retorno a longo prazo que irá permitir que meu capital cresça mais rápido que a taxa de inflação) e 02 (as pessoas deveriam dar menos importância a bens materiais).

Em relação aos fatores analisados, doze apresentaram autovalores maiores que 1, valor definido como critério de extração. Esses doze valores explicam 67,52% da variância total. Dos 12 fatores que apresentaram autovalor maior que 1, dois foram excluídos durante a análise do Alfa de Cronbach (equação 2) por não atingirem o valor mínimo de 0,6, restando apenas 10 fatores válidos (Hair *et al.*, 2009).

Desse modo, a partir das comunalidades baixas ($h^2 < 0,5$) e cargas fatoriais ($\lambda < 0,6$), o modelo final resultou nas seguintes questões por fatores: CON (5 questões); PRA (5 questões); POD (5 questões); CUL (4 questões); DESA (4 questões); DESI (3 questões); PRE (3 questões); PRO (2 questões); EST (2 questões); AUT (2 questões); RIS (2 questões) e INV (2 questões).

Hair *et al.* (2009) sugeriram que para verificar a fatorabilidade dos dados, deve ser aplicado os testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) (Equação 2) e Teste de esfericidade de Bartlett que avalia a hipótese de que a matriz das correlações pode ser uma matriz identidade com determinante igual a 1, ou seja, se a matriz identidade for igual a 1, não se deve aplicar uma análise fatorial nos dados:

$$KMO = \frac{\sum_{j \neq k} r_{jk}^2}{\sum_{j \neq k} r_{jk}^2 + \sum_{j \neq k} p_{jk}^2} \quad (2)$$

onde:

r_{jk} = é o coeficiente de correlação simples entre as variáveis X_j e X_k ; e

p_{jk} = é o coeficiente de correlação parcial entre X_j e X_k , dados os outros X_s .

O método de rotação utilizado foi rotação *Varimax*, como critério de extração foi definido autovalor maior que 1, como condição para que a variável fosse utilizada na fatoração sua comunalidade deveria ser superior a 0,5.

Complementando as comunalidades e as cargas fatoriais um outro critério é a análise do alfa de Cronbach (equação 3), para analisar a confiabilidade dos fatores obtidos, consideraram-se os valores a partir de 0,7 que é o valor mínimo considerado válido para aceitabilidade do fator (Hair *et al.*, 2009).

$$\alpha = \frac{n}{n-1} \left(1 - \frac{\sum_{i=1}^n S_i^2}{S_t^2} \right) \quad (3)$$

onde:

n = número de respondentes;

S_i^2 = variância de cada indicador; e

S_t^2 = variância total.

A partir da obtenção dos fatores de Valores do Dinheiro realizou-se a padronização dos dados para fazer a identificação dos níveis, a partir da soma dos indicadores por fator, proposto por Lopes (2018, p. 35) com a seguinte equação (4):

$$EP_i = 100 * \left(\frac{\text{soma} - \text{mínimo}}{\text{máximo} - \text{mínimo}} \right), \text{ para } i = 1, 2, \dots, 10. \quad (4)$$

onde:

Epi = escore padronizado para o fator i

Soma = soma dos escores válidos no fator i;

Mínimo = menor valor possível e pontuado no fator i;

Máximo = maior valor possível e pontuado no fator i.

Na próxima seção apresentam-se os resultados e as discussões.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

Muitos estudantes universitários enfrentam desafios na gestão de suas finanças pessoais, o que pode levá-los ao endividamento se não houver uma conscientização sobre o uso responsável do dinheiro (Buffon; Mello, 2020). Neste sentido, a percepção sobre o dinheiro pode ser influenciada pela família, visto que esta transmite valores e crenças no decorrer da infância e ao longo da vida (Meirelles; Souza, 2015).

No que tange ao dinheiro, quando o percebem de forma negativa, os estudantes tendem a ser menos propícios a endividarem-se (Buffon; Mello, 2020). Essa constatação é corroborada por Tristão e Manganeli (2023), que analisaram indivíduos com restrição de crédito e evidenciaram que fatores comportamentais como conflito, desapego e sofrimento contribuem significativamente para a propensão ao endividamento, mesmo quando há consciência de suas consequências.

Assim, com o objetivo de verificar os valores atribuídos ao dinheiro para estudantes universitários da UFMA, aplicou-se a EDS para uma amostra de 360 participantes. Para tal, primeiramente buscou-se identificar o perfil sociodemográfico dos respondentes, a fim de compreender sua estrutura social e perfil, sexo, estado civil, dependentes e filhos, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos participantes (n = 360)

Variável	Classificação	n	%
Gênero	Masculino	119	34,2
	Feminino	229	65,8
Estado civil	Casado	51	14,6
	Solteiro	307	84,6
	Separado	3	0,8
Número de Dependentes	Nenhum	294	83,3
	1 a 2	49	13,9
	3 ou mais	10	2,8
Número de Filhos	Nenhum	302	83,2
	1 e 2	47	12,8
	3 ou mais	7	2,0

Fonte: elaborada pelos autores

Ao analisar a Tabela 1, observa-se que 65,8% dos participantes são do gênero feminino, 84,6% são solteiros, 81% não possuem dependentes e 83,3% não têm filhos. Esses dados indicam um perfil majoritariamente composto por mulheres, o que está alinhado com o panorama apresentado pelo Censo da Educação Superior, que evidencia um crescimento contínuo na participação feminina nas matrículas ao longo dos últimos anos (Brasil, 2024).

Pela perspectiva do ambiente familiar, percebe-se que o dinheiro influencia as relações existentes bem como as ações e atitudes frente a como gastá-lo e/ou até mesmo como geri-lo (Meirelles; Souza, 2015).

Para Rosa e Milani (2014), o estado civil está diretamente relacionado aos significados que os estudantes atribuem ao dinheiro, o que acaba influenciando seu comportamento em relação a ele. Na pesquisa aplicada com uma amostra de 97 estudantes em uma instituição privada no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul/Brasil, identificaram que, para os estudantes solteiros, é mais importante ajudar aos outros do que poupar dinheiro, e que pessoas casadas, estes tendem a priorizá-lo para fins de aquisições materiais. Ademais, auferiram que o quanto as pessoas seguem os princípios de sua religiosidade também interfere em seu comportamento em relação ao dinheiro. A Tabela 2 apresenta os fatores com suas variáveis e cargas fatorais, bem como o valor do alfa de Cronbach para cada fator da ESD.

Tabela 2: Alfa de cronbach e as cargas fatoriais dos Fatores associados à ESD

Indicadores	Fatores					
	CON	PRA	POD	CUL	DESA	DESI
Alfa de Cronbach	0,900	0,864	0,820	0,800	0,765	0,733
12 Dinheiro gera desconfiança entre pessoas	0,543					
13 Dinheiro provoca traições	0,788					
14 Dinheiro causa assassinatos	0,877					
15 Dinheiro provoca neuroses	0,881					
16 Dinheiro provoca desavenças com parentes	0,847					
01 Dinheiro ajuda a ser feliz		0,803				
03 Dinheiro significa prazer		0,785				
04 Dinheiro atrai felicidade		0,839				
05 Dinheiro ajuda a ter harmonia familiar		0,756				
06 O dinheiro ajuda a tornar as relações amorosas mais agradáveis		0,744				
07 Quem tem dinheiro tem autoridade sobre os outros			0,621			
08 Quem é rico impõe sua personalidade			0,768			
09 Quem tem dinheiro é o centro das atenções			0,818			
10 Quem tem dinheiro é o primeiro a ser atendido em todos os lugares			0,738			
11 As pessoas submetem-se a quem tem dinheiro			0,727			
32 Com dinheiro eu investiria em pesquisas científicas				0,769		
33 Eu investiria dinheiro em eventos culturais				0,832		
34 Com dinheiro eu patrocinaria o desenvolvimento das artes				0,852		
35 Eu investiria dinheiro em inovações tecnológicas				0,761		
17 Ajudar quem precisa é melhor que guardar dinheiro					0,739	
18 As pessoas deveriam dar menos importância a bens materiais					0,758	
19 Os pais devem ensinar os filhos a serem generosos					0,748	
20 Recompensas espirituais são mais importantes que dinheiro					0,670	
28 Pessoas pobres são impedidas de ir a lugares frequentados por gente rica						0,784
29 Pessoas negras e pobres são vistas como perigosas						0,818
31 Crianças ricas são ensinadas a evitar contato com crianças pobres						0,674
Indicadores	Fatores					
	PRE	PRO	EST	AUT	RIS	INV
Alfa de Cronbach	0,693	0,740	0,681	0,620	0,590	0,310
21 Dinheiro é uma coisa complicada para mim	0,769					
22 Dinheiro provoca frustrações	0,616					
23 Pensar em dinheiro me deixa deprimido	0,805					
25 Dinheiro resolve problemas sociais		0,803				
26 O dinheiro constrói um mundo melhor		0,787				
40 Acho importante ter seguro de vida			0,840			
41 Acho importante fazer convênios de saúde			0,769			
37 Ficarei completamente realizado quando atingir a situação que determinei para mim				0,803		
38 Quero deixar minha família amparada financeiramente quando eu morrer				0,704		
45 Eu toleraria variações bruscas no retorno dos meus investimentos para obter um retorno potencialmente mais alto do que normalmente seria esperado de investimentos mais estáveis.					0,758	

Indicadores	Fatores					
	PRE	PRO	EST	AUT	RIS	INV
46 Eu arriscaria uma perda no retorno de curto prazo por uma possibilidade de uma taxa de retorno mais alta no futuro.					0,818	
44 Eu não faço questão de um alto nível de retorno no curto prazo para os meus investimentos.						0,518
47 Eu estou financeiramente apto a aceitar um baixo nível de liquidez em minha carteira de investimentos						0,808

Fonte: Elaborada pelos autores

O resultado do KMO foi de 0,800 superior ao limite de 5%, que indica que o método fatorial é adequado para o tratamento dos dados. O teste de Bartlett obteve valor estatisticamente significativo $p < 0,01$ o que indicou também a fatorabilidade dos dados, confirmando que a análise pode ser realizada.

Na Tabela 3 apresenta-se o conjunto de fatores finais, considerando as variáveis que os compõem e os respectivos valores do alfa de Cronbach, valor do escore padronizado e o ranking (Lopes, 2018, p. 35).

Para cada um dos doze fatores iniciais, foi calculado o alfa de Cronbach, e os fatores que obtiveram foram considerados consistentes, conforme sugestão de Hair *et al.* (2009). Na Tabela 3, são apresentados os dez fatores finais que atenderam ao mínimo deste critério, enquanto os fatores 11 e 12 foram excluídos por apresentaram valores do alfa de Cronbach inferiores a 0,6.

Tabela 3: Fatores finais, valores do Alfa de Cronbach; média do escore padronizado e ranking.

Fator	Indicadores	Alfa de Cronbach	Média (d. p.)	Ranking
1 – Conflito	12, 13, 14, 15 e 16	0,885	73,37 (18,824)	4º
2 – Prazer	01, 03, 04, 05 e 06	0,864	66,32 (19,804)	6º
3 – Poder	07, 08, 09, 10 e 11	0,824	53,76 (20,686)	9º
4 – Cultura	32, 33, 34 e 35	0,829	67,30 (17,207)	5º
5 – Desapego	17, 18, 19 e 20	0,765	75,92 (17,207)	3º
6 – Desigualdade	28, 29 e 30	0,733	64,05 (21,503)	8º
7 – Preocupação	21, 22 e 23	0,693	50,71 (19,521)	10º
8 – Progresso	25 e 26	0,741	64,95 (21,370)	7º
9 – Estabilidade	39 e 40	0,681	77,84 (18,251)	2º
10 - Autorrealização	37 e 38	0,623	85,88 (15,301)	1º

Fonte: Elaborada pelos autores

Observa-se que o fator com mais destaque foi o fator AUT ($\bar{x} = 85,88$; d. p. = 15,301), seguido por EST ($\bar{x} = 77,84$; d. p. = 18,251), DESA ($\bar{x} = 75,92$; d. p. = 17,207) e CON ($\bar{x} = 73,37$; d. p. = 18,824). Essas dimensões indicam um alto grau de percepção dos estudantes em relação aos aspectos de realização pessoal e segurança financeira, bem como a reflexão sobre questões materiais e seus impactos negativos. Berwanger (2022), ao estudar o comportamento de jovens em relação à poupança, identificou que muitos deles associam o dinheiro à realização de metas pessoais e à segurança da família. De forma semelhante, Ribeiro (2022) destacou que universitários reconhecem a importância da educação financeira, ainda que apresentem dificuldades na prática do controle orçamentário e no uso consciente do crédito.

Com base nos resultados obtidos, percebe-se que assuntos voltados à estabilidade financeira e à uma gestão financeira mais adequada tem sido perspectiva destacadas pelos estudantes, o que enfatiza a necessidade de incluir tais assuntos na formação e aprendizagem dos estudantes universitários (Lopes *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2024).

Quanto aos fatores CUL ($\bar{x} = 67,30$; d. p. = 17,207); PRA ($\bar{x} = 66,32$; d. p. = 19,804), PRO ($\bar{x} = 64,95$; d. p. = 31,370); DESI ($\bar{x} = 64,05$; d. p. = 21,503); poder ($\bar{x} = 53,76$; d. p. =

20,686) e PRE ($\bar{x} = 50,71$; d. p. = 19,521), observou-se uma classificação com grau moderado de percepção por parte dos estudantes.

Os estudos de Lunardi (2012), Fossen e Vredenburg (2014) e Lopes *et al.* (2017) corroboram os resultados obtidos nesta pesquisa, principalmente no que diz respeito aos fatores conflito, poder, progresso, e cultura, que são comuns em diversas abordagens sobre valores relacionados ao dinheiro e à percepção de suas funções na vida dos indivíduos.

De Oliveira *et al.* (2023) identificaram que o prazer no consumo pode atuar como mecanismo compensatório frente a situações de estresse, especialmente entre jovens consumidores. No entanto, alertam que essa associação pode reforçar o ciclo de endividamento e instabilidade financeira. Por outro lado, Modesto e Wagner (2022) argumentam que a maturidade financeira pode ser desenvolvida por meio da educação voltada ao consumo consciente, o que contribui para percepções mais equilibradas sobre o uso do dinheiro.

Para Baima e Rossi (2022) algumas decisões comportamentais são capazes de influenciar as decisões financeiras por parte dos estudantes universitários, em destaque para as ilusões cognitivas. Em um estudo bibliométrico feito por Cruz, Prado e Carvalho (2023), os pesquisadores destacaram que a temática de finanças comportamentais tem se apresentado de forma crescente (2016 - 2020) nas pesquisas acadêmicas, sobretudo no que diz respeito ao estudo das emoções e ao campo psicológico.

No ambiente escolar, a educação financeira tem sido incorporada como temática transversal, permitindo uma compreensão holística sobre o assunto. Pesquisas indicam que o conhecimento sobre finanças contribui para o processo de tomada de decisão, especialmente quando os estudantes compreendem o dinheiro como um elemento importante da vida e da sociedade (Vieira; Nascimento, 2022; Santos *et al.*, 2024).

Diante de tais resultados, verificou-se que as dimensões mais expressivas, que indicaram um alto grau de percepção por parte dos estudantes, foram: a AUT ($\bar{x} = 85,88$; d. p. = 15,301), a EST ($\bar{x} = 77,84$; d. p. = 18,251), o DESA ($\bar{x} = 75,92$; d. p. = 17,207) e o COM ($\bar{x} = 73,37$; d. p. = 18,824). Essas dimensões sugerem que os estudantes têm uma forte percepção sobre questões relacionadas à realização pessoal, à segurança financeira, ao desapego de bens materiais e aos conflitos internos que envolvem o uso do dinheiro.

Quanto aos fatores CUL ($\bar{x} = 67,30$; d. p. = 17,207), PRA ($\bar{x} = 66,32$; d. p. = 19,804), PRO ($\bar{x} = 64,95$; d. p. = 31,370), DESI ($\bar{x} = 64,05$; d. p. = 21,503), POD ($\bar{x} = 53,76$; desvio padrão = 20,686), e PRE ($\bar{x} = 50,71$; d. p. = 19,521), os resultados revelaram uma classificação com grau moderado de percepção por parte dos estudantes. Esses fatores indicam que as questões culturais, prazerosas, de progresso e desigualdade em relação ao dinheiro são percebidas com uma intensidade intermediária, embora ainda com certa relevância.

Atentar aos aspectos que permeiam a ótica dos universitários em relação ao dinheiro permeia um campo que requer cada vez mais atenção nas pesquisas, uma vez que estudos tem apontado uma relação direta entre o valor atribuído ao dinheiro e o endividamento deste público-alvo (Torres; Montoya; Benítez, 2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pressupostos de finanças comportamentais, verificaram-se quais foram os valores atribuídos ao dinheiro para os estudantes universitários dos cursos da área de Ciências Sociais da UFMA, em São Luís. No que tange ao perfil da amostra pesquisada, a maioria dos participantes é do gênero feminino, solteiros e declararam não ter dependentes e não possuir filhos.

Por meio da aplicação da ESD, foram encontrados dez fatores que representam as principais percepções por parte dos estudantes, sendo estas o conflito, o prazer, o poder, a

cultura, o desapego, a desigualdade, a preocupação, o progresso, a estabilidade e a autorrealização.

Em relação à classificação dos fatores, as dimensões mais expressivas foram a autorrealização, a estabilidade, o desapego e o conflito. Para o fator Autorrealização, observou-se que a maioria dos participantes foi classificada com um nível alto, ou seja, a percebe o dinheiro como agente de autorrealização em um nível elevado. Em relação ao Fator Estabilidade, verificou-se que a maioria dos participantes demonstrou um nível alto, ou seja, a percebe o dinheiro como um alto propulsor de estabilidade.

Identificou-se que a maioria dos participantes apresentou um nível alto em relação ao fator Conflito, evidenciando que para a maioria dos estudantes o dinheiro pode ser considerado como uma fonte de satisfação quanto de conflitos.

Os resultados demonstram que o dinheiro possui significados que vão além da função de compra. De maneira geral, este estudo permitiu auferir que os estudantes possuem uma visão diversificada sobre os valores que atribuem ao dinheiro. Diante dos achados, este estudo colabora com pressupostos da teoria das finanças comportamentais. Ademais direciona para a importância de fatores psicológicos na atribuição do valor ao dinheiro e de novos estudos que atentem ao viés comportamental destes indivíduos.

Como principais limitações, esta pesquisa atingiu apenas uma amostra de estudantes dos Campi da UFMA, assim sugere-se a aplicação da ESD nos demais cursos da universidade. Ademais, pesquisas podem ser realizadas com o intuito de analisar a influência da cultura na percepção em relação ao dinheiro e endividamento para universitários no Maranhão e demais estados brasileiros. Novos estudos, podem contemplar um viés qualitativo, sendo realizadas rodas de conversa e grupos focais para entender de forma mais aprofundada as percepções de universitários em relação ao dinheiro, consumo, principais influências emocionais, status, família, poder, bem-estar e aspectos culturais.

Sob um viés prático, podem ser realizados seminários, capacitações e sensibilizações voltadas às finanças comportamentais e a gestão financeira pessoal com estudantes de diferentes cursos na UFMA, podendo ser implementadas ainda, rodas de conversa e mentorias individuais e grupais. Ainda, os gestores educacionais podem pensar novas estratégias e práticas direcionadas a educação financeira, ao consumo e ao descarte consciente, podendo ser realizadas palestras e cursos vias extensão universitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. S. de; RODRIGUES, M. C. da S. Educação financeira como temática transversal na escola: análise da sua inserção no currículo. **Revista Ensino & Pesquisa**, Paranaíba, v. 9, n. 2, p. 47-63, 2021.

AMORIM, E. R.; XAVIER FILHO, J. L. J. Quem forma Gestores? Evidências da formação coletiva do Gestor a partir das Finanças Pessoais e a concepção de Habitus em Bourdieu. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v.9, n.3, 2018.

BAIMA, F. de R.; ROSSI, R. F. R. Finanças comportamentais: um estudo sobre ilusões cognitivas em estudantes universitários. **Brazilian Journal of Business**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 1994–2009, 2022.

BAKER, H. K.; FILBECK, G.; RICCIARDI, V. **Financial behavior: players, services, products, and markets**. Oxford University Press, 2017.

BARBOSA, H. M. O. et al. Percepção de estudantes universitários sobre o impacto da pandemia nas finanças pessoais: um estudo na Universidade Federal de Sergipe. **Revista Caderno de Prospecção**, v. 14, n. 4, p. 1216–1231, 2021.

BARROS, S. C.; BORGES, L. O.; ESTRAMIANA, J. L. Á. Níveis de análise nos estudos sobre os significados do dinheiro. **Athenea digital**, v. 17, n. 3, p. 131-148, 2017.

BÉLYÁČZ, I.; DAUBNER, K. Logical probability, uncertainty, investment decisions: Did Keynes's logical theory of probability have impact on economic thinking? **Economy and Finance: English Language Edition of Gazdaság és Pénzügy**, v. 7, n. 1, p. 2-46, 2020.

BERWANGER, L. C. **O comportamento de jovens em relação à poupança: uma análise com base em aspectos psicossociais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

BONDT, W.; THALER, R. Does the stock market overreact? **The Journal of finance**, v. 40, n. 3, p. 793-805, 1985.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília, DF: **Inep**, 2024.

BORGES, G. R.; CONSTANTE, A.K.; MACHADO, D.D.P. A influência do hedonismo sobre a felicidade e a satisfação com a vida. **Revista de administração IMED**, v. 7, n. 1, p. 30-48, 2017.

BUFFON, G.; MELLO, G. R. A influência do significado do dinheiro na atitude ao endividamento dos acadêmicos dos Cursos de Administração. **Caderno de Administração**, v. 1, n. 14, 2020.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

CRUZ, K. K.; DO PRADO, J. W.; DE MELO CARVALHO, F. O estado da arte em finanças comportamentais: um estudo bibliométrico. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 5, p. 7480-7500, 2023.

DIAS, E. W. **Finanças comportamentais: desejos, tentações e felicidade**. Editora Intersaberes, 2022.

FOSSEN, S-V. R. J.; VREDENBURGH, D. J. Exploring differences in work's meaning: An investigation of individual attributes associated with work orientations. **Journal of Behavioral and Applied Management**, v. 15, n. 2, 2014.

GANßMANN, H.; SERRANO, B. Dinheiro—um meio simbolicamente generalizado da comunicação? Sobre a doutrina do dinheiro na recente sociologia. **Plural**, v. 28, n. 1, p. 346-368, 2021.

GUIMARÃES, N. A.; PORTO, T. M. S. Consumo, dinheiro e diferenciações sociais: representações de estudantes universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, p. e226079, 2020.

HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

LAUER-LEITE, I. D.; MAGALHÃES, C. M. C.; GOUVEIA, R. S. V.; DA FONSECA, P. N.; DE SOUSA, D. M. F.; SOARES, A. K. S. Valores Humanos e significado do dinheiro: um estudo correlacional. **Psico**, v. 45, n. 1, p. 15-25, 2014.

LIZOTE, S. A.; LANA, J.; VERDINELLI, M. A.; SIMAS, J. Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista da UNIFEPE**, v. 1, n. 19, p. 71-85, 2017.

LOPES, L. F. D.; DAPPER, S. N.; LUNARDI, C.; TAVARES, T. O. Finanças comportamentais de estudantes universitários: uma análise multivariada. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, v. 7, n. 11, p. 245-263, 2017.

LOPES, L. F. D. Métodos quantitativos aplicados ao comportamento organizacional. Santa Maria: **Voix**, 2018. Disponível em: <https://www.gpcet.com/wp-content/uploads/2023/05/E-book.pdf>.

LOPES, L. F. D.; QUEIROZ, F. C. B. P.; DA SILVA, D. J. C.; RODRIGUES, G. O. O dinheiro traz prazer ou sofrimento: percepção de estudantes do sul e nordeste do Brasil. **International Journal of Knowledge Engineering and Management**, v. 10, n. 27, p. 110-128, 2021.

LOPES, L. F. D.; DA SILVA, D. C. J.; MOREIRA, M. G.; KUHN, N.; MOURA, G. L. Significado do dinheiro e a propensão ao endividamento: reflexos da pandemia de COVID-19. **Revista Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión**, v. 31, n. 2, p. 21-36, 2023.

LUHMANN, N. Organization, membership and the formalization of behavioural expectations. **Systems Research and Behavioral Science**, v. 37, n. 3, p. 425-449, 2020.

LUNARDI, C. Diferentes formas de ver o dinheiro: a ótica dos jovens que vem estudar em Santa Maria. 83 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Universidade de Santa Maria. Santa Maria/RS, 2012.

MEIRELLES, V. M.; SOUZA, R. M. Uso do dinheiro na vida adulta: uma perspectiva da psicologia clínica e da psicologia do dinheiro. São Paulo: **Atlas**, 2015.

MODESTO, L. G. R.; WAGNER, L. M. S. Educação (financeira) para o consumo: uma análise da maturidade financeira e comportamento de investidor de jovens universitários. **Encontro da ANPAD – EnANPAD**, 2022.

MONTANHA FILHO, J. P.; SOARES, J.M.M.V.; SOUZA NETO, M.O.; QUIRINO, M.C.O. Endividamento e desempenho acadêmico sob a perspectiva dos discentes de contabilidade. **Revista de Psicologia**, v. 14, n. 49, p. 394-411, 2020.

MOREIRA, A. D. S. Dinheiro no Brasil: um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 379-387, 2002.

MOREIRA, A.; TAMAYO, A. Escala de significado do dinheiro: desenvolvimento e validação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. 2, p. 93-105, 1999.

MORENO FILHO, A. M.; VEIGA, D. G.; TREVISAN, L. H.; CARDOSO, T. S.; AMÂNCIO, A. J. Influência da educação financeira na decisão de compra do consumidor curitibano. **Memorial TCC Caderno da Graduação**, v. 4, n. 1, p. 52-80, 2018.

MÜNYAS, T. The Analysis of investment decisions of foreign exchange investors from the perspective of behavioral finance. **TESAM Akademi**. v. 7, n. 2, p. 403-440, 2020.

OLIVEIRA, C. H. M. A.; NOBRE, L. H. N.; NOBRE, F. C. Uma análise da relação entre as compras por impulso, o endividamento pessoal e o estresse financeiro. In: **Congresso Latino Americano de Varejo e Consumo (CLAV)**. 2020.

OLIVEIRA, C. H. M. A.; NOBRE, L. H. N.; NOBRE, F. C. Efeitos das compras por impulso e endividamento pessoal sobre o estresse financeiro. **Revisão de Gestão de Varejo**, v. 3, n. 1, p. e21-e21, 2023.

PIRES, J. G. Finanças comportamentais: uma revisão integrativa da literatura. **PQDT-Global**, 2023.

RECKZIEGEL, S. J.; DREBEL, L.; FLACH, R. O.; FERLA, R.; ROTHER, L. Educação financeira: a visão de jovens universitários, em relação a vida financeira familiar. **Revista Conexão**, v. 11, p. 171-204, 2023.

RIBEIRO, B. A. C. Percepção de estudantes quanto aos conhecimentos e comportamentos relacionados à educação financeira. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

RODRIGUES, R.; CLEMENTE, A.; SENFF, C. O.; DA SILVA, O. A. P. Evidências da relação entre planejamento financeiro e propensão para o endividamento pessoal. **Escritos Contables y de Administración**, v. 9, n. 2, 2018.

ROSA, I. R.; MILANI, B. Significado do dinheiro: um estudo sobre o comportamento de estudantes de nível superior. **Revista de Administração IMED**, v. 4, n. 3, p. 369-380, 2014.

ROSA, V. V.; FERANDES, A. M. Significado do dinheiro para estudantes: uma pesquisa bibliográfica. **Revista Estudo & Debate**, [S. l.], v. 31, n. 3, 2024.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCHWARTZ, S. H. Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In: **Advances in experimental social psychology**. Academic Press, 1992. p. 1-65.

SILVA, F. N. C.; TORRES, A. L.; FRANCO, C.; DA SILVA, R. W. Finanças pessoais e educação financeira: a percepção dos acadêmicos de ciências contábeis de Tangara da Serra-MT. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 13, n. 25, p. 115-135, 2024.

SILVA, R. F. M.; LAGIOIA, U. C. T.; MACIEL, C. V.; RODRIGUES, R. N. Finanças Comportamentais: um estudo comparativo utilizando a teoria dos prospectos com os alunos
Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade – v. 14, p.1-19, e241403, 2024
ISSN 2238-5320, UNEB, Salvador/BA

de graduação do curso de ciências contábeis. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 11, n. 33, 2009.

SILVA, R. M. da; PONTES, S. L. C.; SILVA, E. D. da. A percepção dos alunos do ensino fundamental sobre educação financeira e consumo consciente. **Educação Online**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 33, p. 156–177, 2021.

SILVA, L. L. N.; SANTOS, G. M.; PORTO JÚNIOR, F. G. R.; ROCHA, M. R. T.; DOZZA, M. A. Educação financeira: um estudo de caso com alunos do Curso de Administração do Campus Dianópolis-UNITINS. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 13, 2024.

TAMAYO, A.; SCHWARTZ, S. Estrutura motivacional dos valores humanos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 9, n. 2, p. 329-348, 2012.

TARGINO, T. Economia comportamental x economia tradicional: análise Bibliométrica. **O Eco da Graduação**, v. 2, n. 1, 2017.

TAVARES, L. L.; SILVA, I. L. Desenvolvimento territorial sob a perspectiva da nova sociologia econômica. **O Eco da Graduação**, v. 4, n. 1, 2019.

TORRES, V. G. L.; MONTOYA, M. M. V; BENÍTEZ, R. L. Educación financiera, materialismo y valor del dinero: su efecto en el endeudamiento de estudiantes universitarios. **RIDE. Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo**, v. 15, n. 29, 2024.

TRINDADE, L. L. Determinantes da propensão ao endividamento: um Estudo nas Mulheres da Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS, 2009.

TRISTÃO, P. A.; CORREA, A. C. Educação Financeira: um estudo multicase sobre a adequação de algumas escolas e a percepção de seus coordenadores pedagógicos. **Revista de Educação Matemática**, v. 18, p. e021026-e021026, 2021.

TRISTÃO, P. A.; MANGANELI, N. da S. Fatores comportamentais e propensão ao endividamento: uma análise dos indivíduos com restrição de crédito. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 13, p. 1060–1081, 2023.

VETTORELLO, G. L.; SEIBERT, R. M. Práticas e controles de finanças pessoais: comportamento dos agentes econômicos. **Brazilian Journal of Business**, v. 2, n. 3, p. 2716-2735, 2020.

VIEIRA, M. M. F.; NASCIMENTO, P. T. do. Finanças pessoais e o processo de tomada de decisão: uma análise com estudantes do ensino médio. **Economia & Gestão**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 108-125, 2022.

ZABLOCKI, A.; MAKRI, K.; HOUSTON, M. J. Emotions within online reviews and their influence on product attitudes in Austria, USA and Thailand. **Journal of Interactive Marketing**, v. 46, p.20-39, 2019.